



RONDA.

Ronda é uma das mais formosas e lindas terras da pittoresca Hespanha.

Quem se recorda da sempre memoravel Granada — quando os reis arabes, expulsos do solo hespanico, ainda nas terras do Maghareb, tão saudosamente por ella suspiravam!

A gravura que apresentâmos representa hoje, o que não foi n'aquelles antigos tempos. Ronda não era então mais do que *uma pequena villa*, como chamam os italianos, e estrangeirados a uma casa de campo d'alguuma pessoa nobre.

Hoje, augmentada mais do que fôra então, pela sua posição, sobre um rochedo, nos limites da Andaluzia, tem para titulos de sua gloria ter sido tomada aos mouros em 1485.

O *rio verde* que lhe banha os pés, amedronta quem o deseja transpor, acenando-lhe para o Tazo, horrivel despenhadeiro com que ameaça quem não ame as duas montanhas em que Ronda está edificada.

#### DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ. (1)

Tendo eu moldado o plano d'esta monographia ás phases do sitio que pinto, pede a ordem

(1) Continuação dos artigos que tem vindo no *Panorama* a pag. 29, 77, 210, 365, 370 e 393. dos volumes xi e xii, 3.º e 4.º da 3.ª serie, e a pag. 1.ª do volume 1.º da 4.ª serie.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES

chronologica que passe a bosquejar o quadro animado, como os que já tracei, pela acção e conversação das figuras, que a nossa cõrte offerecia nos annos que correram de 1794 a 1806, marcado pelo despotismo de sangue e de lama da terrivel revolução franceza, fonte ainda fervente de tantas outras, e pelo tambem feroz, mas não sordido, despotismo militar, que a domou, dragão volante entre muitos meteoros politicos, e que, depois d'agitar a Europa e de fazer jazer a nossa patria em mortal quebranto, perdeu, quando os reis e os povos accordaram e se ligaram contra elle, toda a sua força, e acabou, como o corvo marinho, sobre um rochedo batido das ondas do Oceano Atlantico.

Já ao mar sem tempestades, ao ceo sem nuvens, a que um poeta, com expressão verdadeira, comparou a quasi completa serie d'annos calmos e serenos do governo da rainha D. Maria 1.ª, tinha succedido o do principe D. João (2), que,

(2) A rainha começando a soffrer de cabeça em Setembro de 1791, foi sangrada a 4 de Janeiro do anno seguinte, e, indo dez dias depois para Salvaterra, onde, no principio de Fevereiro, teve um novo ataque que decidiu os medicos a votar por uma segunda sangria, depois da qual ella, ao sair do theatro onde se representára a *Nina de Paesiello*, deu mostras d'estar alienada do juizo. Pedindo então os ministros ao principe que tomasse desde logo as re-deas do governo em nome de sua mãe, e resistindo

MAIO, 8, 1858

pela doença de sua mãe, e sem o título de regente (que depois assumiu contra o voto de um ministro e de outros conselheiros (1), tomara constrangidamente, como um academico então allegorisou n'uma medalha, o sceptro entre procellas, que pareciam ameaçar todos os estados de um inevitavel naufragio, quando o incendio que, pelas oito horas da noite de 11 de novembro de 1794, rebentou no antigo paço da Ajuda, aonde a familia real se recolhêra de Queluz no dia antecedente, a obrigou a voltar logo a este palacio, que, por aquelle triste accidente, ficou sendo, por espaço de treze annos, a residencia ordinaria da côrte.

Foi durante este tempo que ali se concluiu o lanço de casarias que a rainha, em 1792, mandara correr por cima da galeria occidental; effectuando-se tambem então outras obras dentro do mesmo paço, ou nas annexas d'elle, como os quartos que o principe, para melhor accommodação da princeza, sua esposa, e para morada de seus filhos (2), fez levantar, em 1793, sobre

elle a isto por espaço d'alguns dias, só a 16 do referido mez de Fevereiro annuiu a assignar o decreto que contém aquella declaração. Partindo no dia seguinte a côrte para Lisboa, onde se demorou até 21 de Março em que passou para Queluz, veio d'ali em 7 de Dezembro para o palacio d'Ajuda.

(1) José de Seabra, ministro dos negocios do reino desde 1785, e que fôra feito conselheiro d'estado logo que se restabeleceu este cargo em 1796, fundou a sua opposição a que o principe se declarasse regente; em que não se tendo dentro ou fóra de Portugal, deixado de reconhecer a ordem de coisas estabelecida em consequencia da doença da rainha, e não devendo aquella declaração ser feita senão em côrtes, cuja convocação a muitos parecia arriscada e a elle difficil, entendia que se devia ficar no mesmo andar, e com tanta mais razão, quanto era certo que a mesma posição anomala em que o principe se achava, lhe tinha servido de pretexto para evadir-se a certas exigencias duras das duas grandes potencias belligerantes. Mas, com quanto a verdade seja um tonico admiravel para quem sabe dizel-a e ouvil-a, pôde então mais que a sã razão a sem razão, conseguindo alguns intrigantes de côrte que o principe, que só mais tarde veio a conhecê-los, assumisse o titulo de regente por decreto de 15 de Julho de 1799, e que José de Seabra fosse poucos dias depois, pela segunda vez demittido e desterrado. Por uma notavel coincidencia, quando isto se passava em Portugal, o moço, secco, retrahido e resolute Pitt, vindo, contra a verdade, a campo no parlamento inglez com o partido da opposição, que queria dar a regencia ao principe de Galles, conseguia, pelo magico poder da sua ironia austera e incisiva, que as settas atiradas pela veia fecunda de Fox, pela dialectica concisa de Burke, pela subtileza hyperbolica de Sheridan, e pela bella e picante facundia de Addington, ficassem embotadas no seu escudo d'aço.

(2) Quando o principe D. João veio residir em Queluz, tinha só uma filha que era a princeza D. Maria Thereza, nascida no paço d'Ajuda em 29 de Abril de 1793, a qual, tendo em 13 de Maio de 1810 desposado seu primo o infante D. Pedro Carlos (que depois da morte de seu pai, o infante D. Gabriel

o corpo saliente do edificio, em cujo andar rente do jardim habitou a princeza D. Maria Benedicta; o palacete que servia de quartel das guardas de cavallaria e d'infanteria; as construcções fronteiras á capella, entre as quaes avulta a torre dos sinos, começada a edificar em 1794, e concluida em 1807, principiando o relógio que está n'ella a trabalhar no dia 28 de Julho, em que chegou a Lisboa a noticia do nascimento da princeza D. Maria da Gloria, que d'ali a quinze annos começou a exercer o poder real n'aquelle mesmo paço; os melhoramentos que se fizeram no jardim que se estende ao longo d'elle, e a nova forma que se deu ás estufas dos ananazeiros que el-rei D. Pedro III mandou fazer na quinta; a feitura das cocheiras e cavallariças; e finalmente, a fabrica do *Jardim Grande*, que da banda do norte fica proximo á *Alameda do Curro*, e onde ainda se vêem dois grandes lagos, outros tantos magnificos tanques, e doze bellas bacias de pedra lavrada com fontes de repuxo, mas que, tendo tido d'antes um jardineiro com o seu ajudante, e doze trabalhadores effectivos empregados no cultivo das trezentas e sessenta e seis pyramides de buxo, que os francezes abateram em 1808, e de outros arbustos que o ornavam, está hoje, por falta de braços, em abandono.

Trazendo eu á lembrança a variedade d'espectaculos e as mudanças de scenas que, n'aquelle entremeio d'annos, tão fertil em casos que explicam muitas coisas, e que já não espantam ninguem, se viram n'esta habitação real, onde depois se deram outros ainda mais notaveis da mutabilidade das coisas humanas, mal pu-

viera para Portugal, d'onde em Novembro de 1807 passou com a familia real ao Rio de Janeiro, onde falleceu em 26 de Maio de 1812) casou em 20 de Outubro de 1838 com seu tio e cunhado o infante D. Carlos. As pessoas reaes que tiveram Queluz por berço foram o principe D. Antonio, nascido em 21 de Março de 1795, e que morreu de bexigas no mesmo paço em 11 de Junho de 1801; a senhora infanta D. Maria Izabel, nascida em 19 de Maio de 1797, e que, tendo em 7 de Fevereiro de 1816 casado com el-rei catholico Fernando VII, seu tio, morreu em 26 de Dezembro de 1818; o sr. D. Pedro d'Alcantara, que, tendo tido primeiro o titulo de infante, e depois os de principe, imperador do Brazil, rei, e regente de Portugal, nasceu a 12 d'Outubro de 1798, e morreu em Queluz a 24 de Setembro de 1834; a senhora infanta D. Maria Francisca, nascida em 22 de Abril de 1800, e que, tendo em 7 de Fevereiro de 1816 casado com seu tio o infante D. Carlos, morreu a 4 de Setembro de 1834; a senhora infanta D. Izabel Maria, nascida em 4 de Julho de 1801, e regente de Portugal desde 10 de Março de 1826 até 26 de Fevereiro de 1828; o sr. D. Miguel nascido em 26 de Outubro de 1802, e a senhora infanta D. Maria d'Assumpção, nascida em 25 de Julho de 1805, e fallecida em Santarem em 1834. A senhora infanta D. Anna de Jesus Maria nasceu no palacio de Mafra em 23 de Dezembro de 1806, e falleceu em Roma a 22 de Junho de 1857.

de deixar de notar n'esta excursão intellectual, ou revista retrospectiva, quanto a nossa sociedade polida d'então diversificava da de hoje. As revoluções politicas, as alterações constitucionaes ou dynasticas, que n'este seculo tem havido em Portugal, não espantam tanto como as innovações que n'este periodo se tem operado nas nossas idéas e nos nossos costumes. Tudo mudou, e, se os nossos velhos, acordando do somno da morte, tornassem a entrar n'este nosso mundo, bem certamente se julgariam estrangeiros na patria, e andariam perdidos e desorientados no seio de suas familias. Oxalá que, n'este transtorno, se não tresmalhassem, entre outras preciosidades nacionaes, a antiga boa fé e proverbial sinceridade portugueza, que quasi se não acha senão nos livros.

Mas, com ser grande o serviço que as letras prestam á sciencia historica, fornecendo-lhe as traças dos caracteres extinctos, e os typos de costumes apagados, não convém menos ao pintor litterario que applica estas côres a um quadro, tomar, como diz o nosso Lobo, tinta de discrição, para não fazer caricaturas em vez de retratos, e representar ao vivo os objectos sem ferir os olhos dos espectadores. Consultar a memoria com animo de buscar a verdade para communicar-a ao publico; accordar as recordações contemporaneas, por vezes amargas e irritantes, com a imparcialidade historica escrever, emfim, com o espirito livre e franco, as tradições das localidades, e os pensamentos que ellas suggerem, sem offender as cinzas dos mortos, nem excitar as paixões dos vivos, são outras tantas regras d'arte e de cortezia, que eu, n'esta pintura de pessoas e coisas mais separadas de nós pela differença dos tempos que pelo curso dos annos, conto observar á risca com a lealdade e lisura com que assigno o que escrevo, e com que digo o que sinto. Nas recordações do tempo da mocidade escriptas por um velho pôde combinar-se a viveza das primeiras impressões com o tento e prudencia da idade madura.

Como quer que fôr, o mesmo pensamento que, primeiro que eu traçasse n'esta descripção o quadro da natureza morta, me levou, para refrescar a memoria nas côres locaes, a Queluz, onde, ao percorrer com o coração saudoso esta necropole tão cheia de vozes do passado, senti uma commoção, que mais adiante communicarei aos meus leitores, fez que eu, antes de dar a ultima mão ao painel da natureza viva em que vou mostrar-lhes a nossa côrte como ella era quando eu pela primeira vez a vi, submettesse aquelle esboço ao juizo de dois peritos que acharam que elle não havia mister ser corrigido. Não tirando eu d'isto vangloria, e confessando ingenuamente que a maior parte dos retratos que ali se vêem foram, bem como os ditos que ponho na bocca das figuras e as anedotas que conto, copiados das notas que tomei do que em praticas familiares, e não para produzir um effeito litterario, me disseram algumas pessoas veridicas, termi-

narei estas explicações preliminares por observar aos puritanos da escola pittoresca, mui chegada á romantica, a quem parecerem impertinentes ou superfluas as reflexões que uso metter de permeio nas minhas narrativas, que, se bem que nas d'este genero se deva dar mais logar aos individuos do que ás idéas, para não quebrar a viveza das personagens que se põem em scena, nem por isso devem ellas deixar de ser caracterisadas por meio d'aquellas comparações dos factos com a lei moral, sem o que não teriam significação aos olhos de muita gente, e a historia seria muda.

Lisongeando-me de que a sciencia e a moda, hoje em dia tão occupadas em fazer o inventario das coisas antigas, acharão n'esta resenha algumas noticias interessantes inteiramente ignoradas ou mal sabidas, e de que as pessoas ociosas e ás que desejam distrair a attenção dos objectos presentes, não desagradará a scena que vou apresentar-lhes do tempo passado, entrarei, depois de lançar uma vista d'olhos sobre o turbilhão de acontecimentos e fortunas differentes que ha sessenta annos se revolvia sobre a Europa, na função de côrte que tomei para campo d'este artigo.

Corria o anno de 1798, no qual, bem como por uma lanterna magica, passaram muitos e mui variados objectos que eu mencionarei tambem de carreira. Pestalozzi e Lancaster começavam a fazer, nas crianças pobres, applicação dos methodos, por elles melhorados, d'ensino mutuo: Royer-Collard, Châteaubriand, e madame de Stael, erguiam-se das trevas da demagogia ignorante como precursores gloriosos do renascimento da philosophia, da historia, da eloquencia e da poesia; Schiller, Tiech, e Novalis, fundavam a escola romantica, que depois illustraram os dois Schlegels, não longe da escola historica profundamente erudita, mas sobremodo critica e algum tanto sceptica de Wolf e Niebhur; Mungo-Park voltava á Europa cheio de ricos thesouros que descobrira na Africa, explorados por Hornemann n'aquelle mesmo tempo em que Saucia movido tambem do amor das sciencias, circumgirava o globo; Fiorillo escrevia a historia das artes de desenho; Delambre e Mechain terminavam a medição do arco do meridiano comprehendido entre os parallelos de Dunkerque e Barcelona, que foi a base do systema metrico decimal; aquisições descontadas com as perdas que as sciencias e as letras fizeram do philosopho Garve, do professor de humanidades Ruhnken, dos physicos Volta e Galvani, do estadista e litterato Moser, do poeta Ramler, e do naturalista e historiador Forster, que n'aquelle anno desappareceram da scena do mundo. Em Portugal abria-se a bibliotheca publica de Lisboa, creava-se o almirantado, a legião de tropas ligeiras, a brigada real da marinha, e mandavam-se para as nossas colonias cosmographos, astrônomos e naturalistas, a fim de conhecerem da extensão, dos climas e das ri-



MONUMENTO JUNTO DE DJEBEL-GHARIAN. (Vide n.º 17)

quezas, e produções d'ellas, ao passo que José Daniel Rodrigues da Costa fazia com muito sal os primeiros ensaios da critica dos costumes pela nossa prensa periodica, e que o insigne contrapontista Marcos Antonio Portugal, emulo do Paesiello, Cimarosa, e Zingarelli, naturalisava, com tanta arte, tanto merito, e tanto gosto, a musica italiana no nosso recém-construido theatro de S. Carlos, onde brilhavam as vozes encantadoras de Catalani, Gaforini, Marchesi, Naldi, Mombelli, e Crescentini: que compositores, e que artistas, dos quaes apenas posso dizer a geração que os não alcançou, como Eschines dizia de Demosthenes aos seus discipulos: ah! se se vós os tivesses ouvido!

Na Hespanha, a viril, dura, e inflexivel raça Iberica, que contem e absorve em si a regidez romana, a respidez gothica, e a ardençia africana, estava opprimida e apouquentada por um homem de fortuna inepta para tudo, detestado de todos, e altivo de se vertão subido, diante do qual se accurvavam a servis obsequios os fracos, e de quem, por mero orgulho, se afastavam esquivamente abandonando a sua posição, os grandes, sem reflectirem que as aristocracias que se retiram em presença dos casos politicos annullam-se. Em Inglaterra, um rei popular acabava de escapar, pela segunda vez, ao ferro homicida, e a nação indignada, e unida em um só coração redobrava os grandes esforços que o seu bom senso e não menos característico patriotismo até ali tinham feito em prol das sabias, e por ella bem comprehendidas, instituições monarchico-liberaes, que constituem a sua sua força, e que estão profundamente arreigadas nos seus costumes: a Irlanda fazia vans tentativas para recobrar a sua independencia politica. Na Hollanda, conquistada pelos francezes, improvisavam estes, sem attender aos habitos e ao caracter dos hollandezes, uma republica insubsistente pelo molde da de França. Na Prussia, o

filho do *illuminado*, mas não alumiado successor do grande Frederico fazia diversas leis sabias, e eliminava da côrte varias pessoas que no reinado anterior tinham incorrido na indignação publica. Em Dinamarca, onde um golpe executado á saida d'um baile tinha feito passar o septro das mãos de um rei debil para as de uma prínceza cupida, tratava ella de grangear a corôa para seu filho fraudando os direitos do herdeiro legitimo. Na Suecia, um rei moço e impetuoso, tendo posto o fito no heroismo, mas errando o caminho, seguia desatinadamente a vereda fatal que o conduziu aos maiores infortunios. Na Russia, que no reinado de Catharina II apresentava um mixto de paz e gloria e de artimanha e magnificencia, acabava de ser entronisado um príncipe cavalleiroso, franco, rigorosamente justo, e por vezes violento, cujas resoluções improvisadas se cifram n'estas tres palavras, *ordens, contra ordens, desordens*, que elle um dia viu escripto por baixo do seu busto. Na Austria, o neto da tão popular como respeitada Maria Thereza, e que tinha succedido a seu thio e seu pae, não no prurido das reformas, mas na dignidade de chefe de imperio Germanico ratificava a seu pezar um tratado, não menos fatal aos seus estados hereditarios do que á Italia, de paz com a França, cujas condições lhe haviam sido ditas, por Bonaparte á frente de um exercito postado a trinta leguas de distancia de Vienna. Em Napoles, que, por muitos mezes, tinha nadado em festejos, e vinganças que deram ao governo a côr de um partido, via-se o triste diorama da saida da familia real sem deixar saudades, e da entrada de um exercito inimigo guiado e victorioso por muita gente grada do paiz. Em Roma alternativamente occupada pelos napolitanos, que dizendo-se defensores do papa, roubavam os templos, e pelos francezes, que, proclamando-se salvadores do povo, inventavam uma republica tyranica que o intorpecia, não via elle

n'esta mudança de amos senão uma variação d'oppressores. Junto ás margens do Arno, onde o magnifico Lourenço de Medicis acolhera outr'ora na sua villa de Boboli, berço de tantos artistas de genio, as Musas fugitivas da Grecia, eram successiva e cordealmente recebidos na modesta cartuxa suburbana de Florença o veneravel e octogonario ponticipe Pio VI e o integerrimo rei Carlos Manuel da Sardenha pelo brando e pacifico grã-duque de Toscana, que, sob capa de pena d'aquella hospitalidade, mas pela guerra que os romanos d'obra grossa d'então, d'onde vêm os Brutos cobardes d'agora, declararam á realza, não tardou em ser tambem expulso do throno: nas trevas de taes politicos é mister buscar as razões atraz dos pretextos. Em Parma, um principe religioso, que tinha sido educado por um philosopho, captava a benevolencia do vencedor da Italia cedendo-lhe todas as obras primas que possuia. Nas duas famosas republicas aristocratas de Genova e Veneza, que, apesar das suas péchas, tinham feito muito vulto na Europa, formavam-se tumultuariamente duas miseraveis republicas democraticas por suggestões dos emissarios do governo francez n'esse, como n'outros pontos, oppostos aos generaes da sua nação que queriam annexar aquelles territorios ao da grande republica que elle desejava ver convertida em monarchia. Na romantica e por muito tempo pacata Suissa, paternal e pastoralmente regida por um patriciado bem quisto de todos, levantavam-se em massa os seus habitantes cordatos, e, sempre ciosos da sua independencia, para repellir a *republica uma e indivisivel* que a França, á sua imagem e á força ali queria crear e substituir á antiga e historica republica federativa; e mal podia uma sublevação tão justa, tão nacional, e tão heroica, achar um theatro mais pittoresco. Apoiada n'esta longa cadeia de republicas ephemerias, a França onde a perigosa chimera da realza cercada d'instituições republicanas, isto é da monarchia com a corda na garganta, ou da realza impossivel, tinha cedido o campo a uma republica monstruosa e por isso insubsistente, fundada pelo crime, mantida pelo terror, e, melhor direi illustrada, do que fortalecida, pelas armas defensoras da sua nacionalidade, era governada por um triumvirato estabelecido sobre as duas bases da egualdade e da eleição, á testa da qual se via um antigo nobre muito orgulhoso, e por uma representação nacional dividida em dois corpos distinctos por condições d'idade, symbolizando ambos estes poderes politicos, que a prostração, ou longa agonia da França, fez nascer e durar, e onde predominaram os sonhadores de utopias loucas que tinham supplantado os utopistas sanguinarios (1) uma sociedade nova, sem

(1) Observando eu um dia a Talleyrand que aquelles poderes tinham um lado dramatico e outro risivel, respondeu-me elle, *que quereis vós! cada um ria-se do seu visinho, e esquecia se de reconhecer em*

passado, nem tradições, nem crenças tendo toda a gente os olhos fitos na riqueza, unica desigualdade possivel, e não hesitando em servir-se de todos e quaesquer meios para conseguil-a: tão certo e infallivel é que as revoluções, começando pelo entusiasmo, acabam pela corrupção, e que o culto dos interesses materiaes, que, sendo bem entendido, é progresso, quando sae dos limites é uma degeneração progressiva. Do seio d'aquella republica agonisante, onde o chefe dos Bourbons debalde procurava formar um nucleo monarchico, pois que com quanto se achem em toda a parte elementos de ordem nem todos podem juntal-os e dirigil-os (2), erguia-se a grande figura dramatica de Bonaparte, o qual, tendo, como trinta annos depois me notava Talleyrand, todos os predicados e todos os defeitos precisos para salvar a França, e, como pelo mesmo tempo me dizia Châtaubriand, querendo antes de fazer ali o papel de Cesar, representar na Asia a parte de Alexandre, *sae, por me servir da dicção viva e rapida de Lacretelle, com um exercito de Toulon, e, navegando a seu salvo por mares coalhados de navios hostis, toma Malta, d'onde, tambem incolume, vae, por entre perigos, ao Egypto, e, desembarcando ali, accieita e ganha a batalha campal que os turcos lhe offercem junto ás famosas Pyramides, e entra o Cairo quando a esquadra que o conduzira era completamente derrotada pelas forças navaes inglezas commandadas por Nelson á entrada da barra do Aboukir.*

Chegando esta nova a Lisboa na madrugada de 12 de Outubro, confundiram-se as saivas com que uma nau ingleza, ao entrar no Tejo celebrava esta victoria abonadora da supremacia maritima da Grã-Bretanha, com as girandolas que nos cimos dos montes visinhos de Queluz annunciavam o nascimento de um infante; fazendo estas circumstancias, e o boato que dias antes corra de que o papa havia podido escapulir-se d'Italia com o auxilio britanico, que o, em simplesa fecundo e engenhoso, prior de Carnaxide (3), desse logo por certo, e espalhasse

*si eguaes defeitos quando lhe chegava a vez de ser ridiculo.*

(2) Dezoito mezes depois estava Bonaparte Dictador, e o padre Pimentel ex-jesuita, excellente latinista, improvisava estes quatro versos, que tambem foram uma profecia, e que eu de memoria escrevo aqui para não ficarem esquecidos.

Si modo Dictator est Bonapartius heros,  
 Consul et ex-Consul postea Cesar erit.  
 Cesar erit fateor, timeat tamen ille Senatum.  
 Gallia non Brutos credit esse Deos.

(3) Eis aqui, para amostra do panno a carta de pesames que este prior escreveu ao marquez de Marialva D. Diogo de Menezes, por morte do seu pae: « Exm. senhor, que o senhor seu pae é morto, não ha duvida certa; Deus queira que não seja coisa de maior cuidado: sinto muito tudo o que Deus ordena: mas sempre o diabo leva quem a gente

logo por toda a freguezia que aquella nau conduzia Sua Santidade, mentira que para logo se divulgou pelos arredores, e que eu me lembro de ter ouvido contar na quinta onde morava, de Sete-Rios: ha homens que sabem o que não é, assim como Fieeve dizia que a opinião é o que se não diz.

Immediatamente depois do nascimento do novo infante ordenou o principe seu pae que o baptizado tivesse logar no dia oitavo, por cujo motivo quiz tambem que se puzesse aquelle filho o nome de Pedro d'Alcantara, tendo escolhido para padrinho o infante D. Antonio, irmão de Carlos IV rei de Hespanha, representado pelo infante hespanhol D. Pedro Carlos, e para madrinha a infanta D. Mariana irmã da Rainha.

Armou-se para esta funcção o Terreiro do Paço de Queluz, guarnecendo-se todas as portas e janellas que caem sobre elle de cortinas de damasco carmezim e de senefas de velludo da mesma côr, cobrindo-se de tapeçarias os claros, e dispondo-se diversos porticos para dar serventia as carruagens, guardas de cavallaria, e gente de pé. Não tendo a capella de Queluz as proporções necessarias para n'ella se fazerem com a devida pompa festas de côrte, destinaram-se, para n'ellas se celebrar, como já por occasião do baptismo, do principe D. Antonio se praticara, um semelhante acto religiosos, as duas grandes salas da galeria oriental, servindo a *das serenatas* de corpo de egreja, e a dos beija-mãos de capella mór. D'esde a porta da *sala dos archeiros*, até ao portão de ferro que dá entrada para aquella galeria fez-se um passadiço em forma de tã, ornado por dentro e por fora com damasco encarnado e galões de oiro, vendo-se sobre as pilastras que dentro d'elle, e d'espaco em espaco, se levantavam dos dois lados diversas inscripções latinas accommodadas á circumstancia, e pendendo dos ferros dobrados que saiam d'aquellas columnas bellissimos lustres. Antes d'encaixilhar n'estes magnifico adorno o vistoso painel do acompanhamento pomposissimo e brilhante que os meus leitores vão ver, direi que a funcção ecclesiastica do dia 19 começou por uma missa pontifical na capella real em que officiou o semicego principal Noronha, a quem um poeta poz alcunha de *calouro*, assistido dos conegos, Lencastre, que não brilhava tanto n'uma festa de egreja como n'uma partida de Whist, Sinel de Cordes, que tinha uma voz sumida, e Sampaio, que apesar de lhe tardar a falla, cantava afinadamente, figurando como liturgistas o entendido Garcia, Raimundo Nonato, a quem sacaram a balda de pezar os sapatos e que não tinha bom pé, e o toscamente honrado Rebello, caracterisados pelos nomes de — mestre de ceremonias — mestre por cerimonia — e mestre sem cerimonia — que lhes poz o velho marquez de Fronteira. Depois do

Evangelho pregou frei João Jacinto que, pela sua fluente, bem que nem sempre castiça linguagem, e pelo seu bello accionado, era ainda o rei dos nossos pregadores. N'aquelle tempo de mais imaginação ou de menos insensibilidade que o presente, o gesto que põe o orador em communicacão directa com o coração dos ouvintes, era uma arte ou parte muito apreciada na nossa côrte, onde se citava a marquezia d'Alorna pela elegância com que manejava o leque, os marquezes de Niza e das Minas pelo garbo com que entravam n'uma sala, as condessas de Pombeiro e de Soure pela graça com que se riam, e o marquez de Pombal e o conde de Caparica pela airozidade com que faziam cortezias. Acabada a missa, cuja musica de capella, regida por Antonio Leal Moreira, foi executada por excellentes vozes entre as quaes avultavam as de Violani, Angelelli, Forlivesi, Ansami, Ferracuti, e Puzzi fez-se a benção da pia baptismal, onde dois reposteiros tinham vasado a agua do rio Jordão trazida pelos religiosos Franciscanos da Terra Santa; e, concluida esta cerimonia, passou o cura de Queluz parte d'aquella agua para uma preciosa pia portatil que elle, depois de cobril-a com um rico veo branco bordado de palheta e fio, e guarnecido de renda de oiro, transportou, acompanhado de dois porteiros da cana e de dois archeiros, para a sala onde se havia de celebrar o baptismo do infante recém-nascido; ficando ali os dois soldados da guarda de sentinella á pia. Contavam-me muitos annos depois o ficanço que, procurando então uma velha e nescia criada do paço, cuidou que para ver se remoçava, metter subtilmente o nariz n'aquella agua benta do Jordão, e dizendo-lhe o sachrista Bernardo Gomes: *Mulier in ecclesia taceat*, desatou a pobre velha a chorar, d'onde tiro que a arte de cheirar que mr. de Cap, diz que achára em 1844, era já conhecida entre nós ha mais tempo; e que não ha coisa que faça tanta impressão nos tolos como o que elles não entendem. Na mesma galeria em que se passou aquella scena comica, e onde poucos annos antes meu pae viu assistirem n'um recanto a uma serenata o famoso impostor Cagliostro, e o agradavel escriptor Beckfort, fui eu buscar as famosas recordações por meio das quaes vou fazer ver aos meus leitores o spectaculo interessante e pomposo do baptismo de um principe que amei e servi d'esde o seu berço até ao seu tumulo.

Continua.

MARQUEZ DE RESENDE.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### Continuação

II.

Do como partiu de Lisboa o dito capitão, e chegada a ilha Terceira.

Despachado o dito capitão, e recebido seu re-

« mais estima. O melhor de tudo é não nos mettermos nos juizos temerarios de Deus. »

gimento, partiu de Lisboa em 21 de Dezembro de 1640, e chegando á ilha Terceira em 7 de Janeiro de 1641, a um domingo, amanheceu a caravella em que vinha ancorada na villa da Praia, defronte da fortaleza do porto da dita villa, e logo se publicou que n'ella viera o dito capitão, e indo um religioso da nossa ordem a bordo da dita caravella, a procurar cartas e novas do reino, se voltou sem ellas, admirado de ver ao piloto e marinheiros tão mudos e surdos, a nosso modo de fallar, que vinha admirado, porque perguntando por novas nenhum lhe dera a coisa alguma, e só o mestre lhe dissera: *Padre, nós somos do mar: não sabemos nada: lá está o capitão maior em terra, que como mais pratico as saberá dar.* Fui logo buscar ao dito capitão a sua casa, do qual fui bem recebido; e perguntando-lhe por novas do reino me respondeu, que se lhe promettesse guardar segredo, e ajudal-o, me contaria o que de novo no reino havia: ao que lhe prometti, dizendo, que se o negocio fosse tal que o merecesse seria com elle até morrer, e que para quem tanto de mim conhecia como elle, não tinha que duvidar, nem eu para mais lhe encarecer. E logo me disse que tinhamos rei em Portugal, que Deus nos conserve por largos e felices annos.

Passado o extasi da alegria, lhe perguntei que ordem era a que trazia, e que cartas: respondeu-me que trazia carta de sua magestade para o corregedor, outra para o capitão-mór João de Bettencourt, e outra para o provedor da fazenda Agostinho Borges de Sousa. E perguntando-lhe se trazia cartas para as camaras, e para alguns capitães e fidalgos da terra, me disse que não (como assim era) o que eu logo lhe avaliei por ruim negociação, e que deu bastante satisfação. E perguntando-lhe como só junto com aquelles tres homens havia de negociar; disse-me, que entre todos quatro, depois de lidas as cartas de sua magestade, se havia de tomar o assumpto que melhor estivesse, porque trazia outro masso de cartas, escripto em nome de el-rei Philippe, em que avisava como eram fóra armadas de França e Hollanda, e que vinham sobre aquella ilha, e que era necessario fortificarem-na principalmente o castello: e para este masso se abrir haviam de chamar o governador, e com elle assentar (quando lhe parecesse) que metteriam duzentos ou trezentos portuguezes no castello, para que tivesse mais gente com que fazer postas; e assim com facilidade se tomaria. O que eu julguei tambem por impossivel, maiormente por ser o corregedor morto, que se fóra vivo era emfim cabeça, e sempre ficava o negocio com melhor partido.

Perguntei-lhe mais, quem trazia para eleger em lugar do que fosse morto que (para bem) logo se havia de persuppor: disse-me, que tinha ordem para fazer eleição de quem lhe parecesse de confiança, como a fazia de mim: ao que tornei: «Senhor já que isso assim é, e vm. de mim faz fiel para que eu o ajude, a mim me parece bem

« que faça vm. eleição das camaras, supposto não  
 « trazer cartas para ellas, e dos capitães de mili-  
 « cia, que nós por portuguezes conhecemos, e com  
 « a mesma ficção fazel-os ajuntar na villa de S. Se-  
 « bastião, como é costume quando se offerece al-  
 « gum negocio, que a todos toca; e ahi dar-lhes  
 « conta do negocio, abrindo-se a carta que para  
 « o corregedor vinha, e as outras a seus donos,  
 « que ahi tambem estarão: e logo entre todos  
 « assentaremos, que é necessario para se abrir  
 « um masso presença do governador e seu tenen-  
 « te, e mandar-se-hão chamar, e se vierem ali  
 « os prenderemos, e logo se irá tomar o castello  
 « e postas, sem trabalho nem perigo de pessoa:  
 « e quando não venham levantar-se-ha a voz, e  
 « como elles estarão desapercibidos em dois dias  
 « se renderão; nem ha que desconfiar dos por-  
 « tuguezes, porque como acodem cobrando a fin-  
 « ta, e elles disso estão escandalizados, hão de ter  
 « a nova por caída do ceo, ainda os mais affei-  
 « çoados a Castella: » o que não pareceu mal,  
 mas não se resolveu em que assim o effectuariamos, dizendo que fallariamos mais de vagar. Aqui lhe perguntei mais, quando isto não tivesse effecto, que ordem mais havia: dissê-me que trazia ordem de sua magestade para lhe fazer muitos bons partidos, e prometter em seu nome grandes mercês. A isto respondi, que por esta segunda via nada se effectuaria senão depois de elle mui oppresso, porque taes homens, como aquelle, queriam mais morrer uma morte honrada, que viver a vida affrontada. E com isto nos despedimos, com palavra de que depois nos veriamos, e assim me tornei para o convento.

Chegado a casa estavam-me os frades todos esperando, por saberem novas, parecendo-lhes traria eu cartas. Eu lhes dei as que me pareceram, e lhes disse não tinha cartas, nem na caravela vinha carta alguma; que o capitão vinha com toda a pressa acudir a sua casa e a ilha, porque vinham as armadas de França e Hollanda sobre ella; e que para esse effecto trouxera os barris de polvora que elles viram desembarcar; e que nada mais constava. Mas como frades são especulativos, bolaram seus juizos, e fallou cada como lhe pareceu. O padre frei Marcos, que tinha ido a bordo da caravela, me disse n'esta ocasião, diante dos mais padres: «Padre pregador, não são ellas essas (dê-me vossa paternidade licença): eu fui a bordo da caravela e vi-os todos mudos, dizendo-me que cá ficava o capitão maior, que elle daria as novas como pratico que era; e vossa reverencia diz, que nenhuma dá! Eu me parece que ellas virão a botar em que temos rei em Portugal. D'isto me ri, e disse (por dissimular): «Prouvera ao rei do ceo! Não somos nós tão ditosos. O rei que nós temos é novas de muitos trabalhos e guerras, a respeito d'estas armadas de inimigos, que sobre a ilha vem, como vossas reverendissimas logo verão pelas preparações que se hão de fazer: » e assim os diverti.

Ao mesmo dia a tarde me veiu o dito capitão ver ao convento, e na minha cella praticámos, na materia de vagar, e depois d'algumas praticas, em que lhe dei a entender a ruim ordem que trazia. E realmente lhe disse, que não vinha ordenada mais que avisar ao castelhano, porque impossivel era effectuar-se pelo modo intentado, que meu parecer era ajuntarmos as Camaras, como já lhe tinha dito, porque os dois se não haviam de ajuntar com elle, e que se fizesse escolha de outro muito menos, e nem o castelhano havia de acceitar partido; e assim que não tratasse de ir á cidade, porque nada havia de effectuar, e ficavamos arriscados a alguma desventura, o que se evitava com convocarmos as camaras, e os capitães, como já acima digo, e que, se eu fôra o principal nisto, não havia outra coisa a fazer; porque em vendo os portuguezes carta de rei portuguez natural seu, havia ferver-lhes o sangue e serem todos comnosco; e que eu, e o capitão Melchior Machado de Lemos, bastavamos para lhe dar estas duas jurisdições da Praia, e villa de S. Sebastião. O que tudo lhe pareceu muito bem, e que quizesse, que ao outro dia nos vissemos em sua casa, com seu pae, para que entre todos tres assentássemos como isto melhor se faria; e n'isto ficámos.

Ao outro dia pela manhã disse missa e encommendei o negocio a Deus, e logo fui buscar o dito capitão a sua casa, e achei ser partido da meia noite para a cidade, o que havia de nascer de dar conta ao pae do que eu lhe dissera, e julgar por mais acertado ir buscar os dois, para quem trazia as cartas, e fazer eleição d'outro, que melhor lhe parecesse em lugar do corregedor, que era morto; e com elles assentar o que melhor fosse, na forma do seu regimento; e eu bem triste e pezaroso de o não achar me tornei para o convento.

Continua.

COINCIDENCIAS N. TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.<sup>mo</sup> SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 4 e 5.

Continuação

Teve tambem D. Diniz dissensões com o clero; e o arcebispo de Braga proferiu outro interdito contra o reino em 1284, sendo papa Martinho iv. As desavenças que teve com seu irmão o infante D. Affonso, decidiu-as, cercandoo em Portalegre, e ditando-lhe finalmente condições: dar quarenta mil ducados de renda, e o senhorio das villas de Cintra e Ourem, deixando o infante os logares que seu pae lhe dera na fronteira. Eram passados quatorze annos

quando lhe foi necessario recorrer ainda ao papa Nicolau iv, por novas desavenças com o clero, que não queria aquietar-se. Decorridos quatro annos depois da batalha do Salado, falleceu D. Constança, mulher de D. Pedro i, o qual se namorou logo de D. Ignez de Castro. D. Constança morreu em 1344; D. Ignez foi assassinada em 1355; D. Maria, irmã de D. Pedro e rainha viuva de Castella, falleceu em 1356; D. Affonso iv, em 1357.

São quatro reis seguidos, todos primeiros, entre o quarto e o ultimo Affonso: D. Pedro i, D. Fernando i, D. João i, e D. Duarte, de quem não houve ainda segundo. D'estes quatro, o unico cujo nome se escreve com quatro letras, João, viu-se firmado em seu throno com a victoria de Aljubarrota, alcançada, tendo o proprio D. João, o commando do centro de batalha; o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o da vanguarda; Mem Rodrigues de Vasconcellos, o da ala direita; e Antão Vasques, o da esquerda. Eram portanto quatro generaes, e tiveram quatro vezes o algarismo seis: isto é, seis mil e seiscentos soldados, para combaterem com mais de quatro vezes seis mil hespanhoes no anno de 1386, data em que se contém o quarto seis, e quatro mais quatro dezenas do seculo xiv. A batalha foi ferida em 14 de Agosto, faltando por conseguinte quatro mezes para acabar o anno: e ás quatro horas depois do meio dia, recolhendo o rei de Castella a Santarem, á noite, montado em uma mula, cavalgadura unica, cujo nome em portuguez se escreve com quatro letras. Os milhares de castelhanos que morreram na peleja foram quatro e quatro mais um.

Em 1414, D. Filippa, nome que começa e acaba como a quarta nota musical, falleceu, inquieta e temerosa da empresa em que via empenhado seu marido com os tres infantes, D. Duarte, D. Henrique, e D. Pedro; quatro pessoas reaes que figuraram no anno seguinte, tomando Ceuta, e preparando já, pelas conquistas na terceira parte do mundo, o caminho para a descoberta da quarta. Partiu D. João para esta empresa, e aos 14 de Agosto, mez anterior aos quatro ultimos do anno, no mesmo dia em que veiu a fallecer, avistou Ceuta. Levava trinta e tres navios grossos de guerra, e cento e quarenta de carga: foram estes algarismos significativos do anno e seculo em que morreu, mil quatrocentos trinta e tres. Eram cincoenta as galés que levava, e cincoenta mil os homens; cincoenta foram tambem os annos do seu reinado. Foi tomada a cidade aos 21 do mesmo mez; isto é, começaram a quarta semana d'elle, já entrados na cidade.

Continua.

Publicou-se o 3.<sup>o</sup> volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 reis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros. STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 reis.